

## Introdução ao pirronismo em *Contra aqueles nas disciplinas*\*

**Richard Bett**

Johns Hopkins University, Baltimore

Email: rbett1@jhu.edu

Tradução: Luiz Antonio Alves Eva

UFABC

Email: lalveseva@gmail.com

### 1. Vida e obra

Sexto Empírico é o único cético grego da antiguidade cujos escritos sobreviveram. O termo grego *skeptikos* significa literalmente “investigador” e foi assim que Sexto e os que estiveram nessa tradição se denominaram; outra etiqueta que usaram para si foi a de “pirrônicos”, em referência a “Pirro de Élide”, em quem alegaram se inspirar. Sexto situa-se próximo ao final dessa tradição, que perdurou de modo intermitente por vários séculos. Ouvimos falar de um aluno dele chamado Saturnino (Diógenes Laércio 9.116), mas depois disso não há nenhum pirrônico identificável na antiguidade. Sexto é geralmente situado no segundo século d.C., mas a total inexistência de referência a ele em Galeno (129-216 d.C.) sugere que ele floresceu um pouco depois, talvez no início do terceiro século. Isso porque ele era médico — esse é o único item de informação autobiográfica realmente sólido que ele nos dá (*PH* 2.238, *M* 1.260, *M* 11.47) — e, a julgar pela sua denominação, era um membro da escola Empírica de medicina (como o foram outros pirrônicos). Diógenes Laércio também o chama de “Sexto, o Empírico” (9.116), e o pseudo-galênico *Introdução ou Doutor* refere-se a ele como o líder da escola (Kühn XIV, 683-4). A questão se complica pelo fato de que, em uma passagem das obras remanescentes onde ele efetivamente discute o empirismo médico (*PH* 1.236-41), Sexto parece se afastar deste e alegar uma maior afinidade entre o ceticismo e uma outra escola de medicina, a escola Metódica. Mas, seja qual for a solução desse ponto,<sup>1</sup> Sexto estava claramente

---

\* O presente texto faz parte da tradução para o inglês desta obra de Sexto por parte de Richard Bett (Sextus Empiricus, *Against those in the Disciplines* — Translated with introduction and notes by Richard Bett. New York, Oxford University Press, 2018). Agradecemos ao professor Bett e à OUP pela cessão dos direitos para a presente tradução. (N. do T.)

<sup>1</sup> A questão é bem examinada por Allen 2010. Uma possibilidade é que Sexto não pretenda repudiar o empirismo como um todo, mas apenas uma variedade deste. Porém, embora o texto admita essa leitura, permanece sendo preciso explicar a preferência pelo metodismo (em vez de alguma outra variedade preferível de empirismo).

envolvido não só na prática médica mas em debates sobre a medicina; além da passagem que acabamos de mencionar, ele se refere a trabalhos seus (hoje perdidos) chamados *Tratados Médicos* (M 7.202) e *Tratados Empíricos* (M 1.61).<sup>2</sup> Ora, Galeno escreveu igualmente sobre empirismo e metodismo,<sup>3</sup> tinha um conhecimento volumoso das discussões médicas do seu tempo e não hesitava em nomear aqueles cujas ideias estava discutindo; que ele não tivesse nada a dizer sobre Sexto seria muito surpreendente, a menos que Sexto seja posterior a ele.

Além desse fato (que já é mais estabelecido do que muitos estudiosos se sentem confortáveis em reconhecer) nós nada sabemos de fato sobre a pessoa de Sexto.<sup>4</sup> Há bem poucas referências nominais a ele na antiguidade e muito poucas indicações de leitura de suas obras. Outro ponto curioso é que suas obras não parecem indicar nenhum conhecimento da filosofia do momento próprio de Sexto. Mesmo se descontamos o silêncio de Galeno, Sexto se refere no tempo passado ao imperador Tibério (PH 1.84), o que o situa não antes da metade do primeiro século d.C. E mesmo o seu conhecimento de história da filosofia, a julgar pelos nomes que menciona, parece terminar no início do primeiro século d.C.<sup>5</sup> O platonismo e o aristotelismo revividos que dominaram a antiguidade tardia estavam em voga na época em que viveu Sexto (seja ela precisamente qual for), mas não há traço disso na sua obra. Essa é apenas uma de muitas questões a respeito de Sexto que têm chance de permanecer não respondidas.<sup>6</sup> De todo modo, sua própria obscuridade não foi duradoura. A partir do ressurgimento do

---

<sup>2</sup> Eles podem ou não ser distintos; pode ser o mesmo trabalho sob títulos alternativos, ou o segundo pode ser parte do primeiro.

<sup>3</sup> Uma boa introdução é Frede 1985.

<sup>4</sup> House 1980 detalha a nossa ignorância abrangente e também se compromete menos com as datas sobre Sexto. Sobre o ponto relativo a Galeno, fui influenciado por Jouanna 2009; embora o argumento acerca do silêncio de Galeno não seja novo, e embora argumentos acerca do silêncio nunca sejam conclusivos, Jouanna oferece bons motivos para sustentar quão implausível seria Galeno não se referir a Sexto se fossem contemporâneos. Ele também situa um terminus ante quem pelas datas de Hippolytus (c.170-c.236 CE), cuja Refutação de todas as Heresias inclui um texto que é muito similar a uma parte considerável de *Contra os Astrólogos*, de Sexto (M 5) e geralmente se pensou ser copiado deste com mudanças insignificantes. Mas isso é mais questionável; Hippolytus e Sexto podem ambos estarem se baseando em alguma fonte comum hoje perdida. Isso foi defendido em particular por Janáček 1959, 1964 (embora a tese de Janáček dependa de uma visão altamente discutível de seu desenvolvimento estilístico; ver nota 13 abaixo).

<sup>5</sup> O estóico Basilides é uma possível exceção (ver M 8.258); um estoico com esse nome é atestado como professor de Marco Aurélio. Mas nós também temos uma lista de estoicos, aparentemente ordenados por cronologia, na qual um estoico Basilides aparece num grupo do segundo século d.C. (ver Rose 1866, 370-1). Sexto poderia estar se referindo a qualquer um deles.

<sup>6</sup> Sedley 2003 mostra que Sexto não estava de modo algum só ao tratar a filosofia como algo que não se estendia além do primeiro século a.C. e propõe uma transformação importante da filosofia, no meio do primeiro século a.C., rumo a um projeto de “recuperar e entender a sabedoria dos antigos” (36) — em vez de contribuir por si mesmo com uma nova sabedoria, como isso se havia previamente concebido. A tese de Sedley é poderosa e intrigante, mas eu não penso que ela explique plenamente o caso de Sexto. Pois Sexto claramente *não* se pensa como alguém recuperando a sabedoria dos antigos; embora ele escreva bastante sobre filosofias precedentes (mesmo pirrônicas precedentes) e seu próprio pensamento, ele parece se deter em distanciá-los todos dele mesmo; isso pode mesmo ser uma reação contra uma tendência de seus dias de apelar para figuras do passado (sobre isso, ver Bett 2015a). Se assim é, é claro, ele não tem, ao menos, uma consciência geral do *Zeitgeist* filosófico contemporâneo. Todavia, uma vez que um dos seus propósitos claramente é o de promover e divulgar o pirronismo, sua falta de trato direto das filosofias alternativas dos seus contemporâneos é ainda assim muito surpreendente.

interesse pela antiguidade no Renascimento, suas obras ganharam muito maior atenção; e para mencionar apenas dois pontos do que poderia ser uma longa história dessa recepção, houve traduções latinas de todas elas na década de 1560,<sup>7</sup> e há considerável interesse por elas entre muitos epistemólogos contemporâneos.

Dessas obras, aquela que aqui apresentamos é sem dúvida a menos conhecida, ao menos entre os filósofos. A razão disso, por certo, é que o seu tema não é diretamente filosófico. A obra mais conhecida de Sexto, *Esboços de Pirronismo* (abreviada como PH, as iniciais transliteradas do título grego), consiste em um livro que expõe a posição cética, em termos gerais, e dois livros que examinam as teorias dos não-céticos segundo as três divisões tradicionais da filosofia: lógica, física e ética. Outra obra, constituída de dois livros *Contra os lógicos*, dois livros *Contra os físicos*, e um *Contra os éticos*, faz esse exame de uma forma bem mais extensa, e também era quase certamente precedida de um livro ou de livros de exposição geral, em paralelo com o primeiro livro do PH.<sup>8</sup> Em contraste com essas obras, *Contra aqueles nas disciplinas* consiste de seis livros que lidam, cada um, com uma área não-filosófica especializada diferente: gramática, retórica, geometria, aritmética, astrologia e música. Como é de se esperar, Sexto frequentemente se refere a teorias e ideias nessas áreas ao longo de sua abordagem. O nível de tecnicidade varia de um livro a outro. O primeiro livro, bem mais longo que os outros, *Contra os gramáticos*, é o mais desafiador a esse respeito. Uma das funções das minhas notas na tradução<sup>9</sup> é ajudar o leitor a compreender os detalhes do assunto em discussão. Todavia, não é preciso ser especialista nesses campos para compreender que neste trabalho, como naqueles mais diretamente filosóficos, Sexto adota uma posição cética de considerável interesse.

O título grego da obra, *Pros mathêmatikous*, ou seu equivalente latino *Adversus mathematicos* (por padrão abreviado como *M* ou, para indicar os seus seis livros,<sup>10</sup> *M* 1-6), foi às vezes traduzido como *Contra os professores*. Mas o título “professor” não tem equivalente exato no mundo antigo e pode gerar associações enganosas. No passado, usei *Contra os instruídos*, referindo o significado básico (“aprender”, “instruir-se”) da raiz *math-*. Mas agora prefiro uma tradução que ressalte aquilo que, na palavra, é a base imediata de *mathêmatikos*: o termo *mathêma*, “disciplina” ou “área de estudo” (literalmente, “coisa aprendida”), ao qual se faz muita referência na introdução geral da obra (*M* 1.1-8). Sexto enfatiza que é com essas

<sup>7</sup> Ver Floridi 2010.

<sup>8</sup> A primeira sentença de *Contra os Lógicos* (*M* 7.1) refere-se retrospectivamente a uma tal exposição geral. Por muito tempo se pensou que fosse uma remissão a PH. Mas PH como um todo não é uma exposição geral — apenas seu primeiro livro o é. A referência deve ser, portanto, a uma exposição geral precedente a *Contra os Lógicos* como parte da mesma obra. Isso foi estabelecido por Janáček 1963.

<sup>9</sup> Ver nota \*, acima.

<sup>10</sup> Também para distingui-lo de *Contra os Lógicos, Físicos e Éticos*; ver abaixo nota 12.

disciplinas e com os seus praticantes, os *mathêmatikoi*, que ele vai lidar.<sup>11</sup> Parece apropriado que o título reflita isso.

A ordem da composição das obras de Sexto tem sido um tópico consideravelmente debatido, principalmente quanto à questão de saber se PH foi escrito antes ou depois da obra mais longa que cobre aproximadamente o mesmo terreno.<sup>12</sup> Quanto a *M* 1-6, ele claramente vem depois da mais longa dessas duas obras. Ele contém remissões específicas a *Contra os físicos* (*M* 1.35, 3.116) bem como referências a passagens identificáveis dessa obra, segundo aquele que é presumivelmente o título de Sexto para esse conjunto inteiro: *Skeptika Hupomnêmata, Tratados céticos* (*M* 1.26, 29, 6.52).<sup>13</sup> Uma vez que diversas passagens em *M* 1-6 têm estreitos paralelos com essa obra, pode ser de interesse ter em mente qual veio primeiro. A relação entre *M* 1-6 e *PH* é muito menos clara; não há referências explícitas a *PH* em *M* 1-6 nem vice-versa<sup>14</sup>. Há algumas passagens nas quais os mesmos tópicos são tratados em ambas as obras, mas, com a possível exceção de alguns argumentos contra o ensino e o aprendizado — dos quais há versões que aparecem em todas as três obras (*M* 1.9-40, *M* 11.216-57, *PH* 3.252-72) — os paralelos entre *M* 1-6 e *PH* são menos próximos do que os que há entre *M* 1-6 e a obra mais longa. Todavia, sendo *PH* a única dentre as obras de Sexto sobreviventes<sup>15</sup> que contém uma explicação geral da posição cética, ela é importante para nosso entendimento do que é o seu tipo próprio de ceticismo pirrônico. Passo a esse assunto agora, antes de tratar de alguns traços centrais de *M* 1-6.

## 2. O ceticismo pirrônico de Sexto

<sup>11</sup> *Mathêma* pode por vezes referir as disciplinas matemáticas em particular, e nós veremos alguns casos, no contexto dos livros matemáticos (3 e 4), em que é provavelmente esse o significado que Sexto dá ao termo. Mas o sentido mais geral é o usual na obra.

<sup>12</sup> Discuti esta questão nas introduções a Bett 1997, Bett 2005 e Bett 2012.

<sup>13</sup> Talvez por causa da perda do livro ou dos livros iniciais, os livros remanescentes dos *Tratados Céticos* passaram a ser vistos como uma continuação de *M* 1-6; assim, *Contra os Lógicos* é por convenção abreviado como *M* 7-8, *Contra os Físicos* como *M* 9-10, e *Contra os Éticos* como *M* 11. Embora isso não faça nenhum sentido, posto que *M* 1-6 é uma obra completa e independente sobre um tema totalmente outro, essa nomenclatura convencional está bem arraigada, e vou aderir a ela para fins de referência.

<sup>14</sup> *PH* foi geralmente visto como a mais antiga dessas três obras. Mas essa visão surgiu como resultado de um engano (cf. nota 8). Karel Janáček, tendo exposto esse engano (ver Janáček 1963), continuou mesmo assim a sustentar que *PH* foi escrito antes por razões estilísticas, ver Janáček 1972 e Janáček 2008 (uma compilação póstuma de seus ensaios mais curtos sobre Sexto e ceticismo). Esses estudos são importantes no estabelecimento de diferenças estilísticas entre as obras, diferenças tais que efetivamente indicam que elas foram compostas em momentos diferentes (sobre isso, ver Bett 2015b, 35). Mas isso não nos informa a ordem das obras e as suposições cronológicas de Janáček são um castelo de cartas; ver Bett 1997, Apêndice C. No comentário do capítulo VII (com o Apêndice A) da mesma obra, eu sustentei, com base em passagens paralelas, que *PH* é a obra mais tardia das três, mas o meu argumento não é conclusivo.

<sup>15</sup> Além das obras médicas perdidas a que nos referimos antes, Sexto também se refere a uma obra sua hoje perdida, *Sobre a Alma* (*M* 6.55, *M* 10.284).

O ceticismo pirrônico não é a única variedade de ceticismo na Grécia antiga e na filosofia romana. A Academia, a escola fundada por Platão, foi durante a maior parte do período helenístico dominada por um ponto de vista cético. Embora esses acadêmicos não se chamassem a si mesmos céuticos — o termo propriamente dito se originou com os pirrônicos — a sua atitude já era reconhecida na antiguidade como tendo muito em comum com o pirronismo. As relações entre os ceticismos acadêmico e pirrônico são complicadas e, posto que não é infrequente que Sexto discuta sobre os acadêmicos, elas podem ser importantes, por vezes, para entender o que ele está dizendo. Todavia, em *M* 1-6 os acadêmicos só aparecem uma vez — Sexto recorre às concepções deles sobre a inutilidade da retórica (*M* 2.20-43) — e assim não precisam ser melhor consideradas aqui.

Como notei acima, a tradição pirrônica se inicia com Pirro de Élide (c.360-c.270 BCE). Pirro nada escreveu, mas suas ideias e seu estilo de vida foram registrados por seu discípulo Timão de Fliunte (c.320-c.230 BCE) e talvez outros. Dos escritos de Timão sobreviveram apenas fragmentos e a reconstituição do pensamento de Pirro é, para dizer o mínimo, difícil e controvertida.<sup>16</sup> Em *M* 1-6, Sexto se refere, algumas poucas vezes, tanto a Pirro quanto a Timão (*M* 1.53, 281-2, 305-6, 3.2, 6.66), geralmente assinalando sua concordância com a abordagem deles acerca de algum tópico, mas nem aqui nem noutra parte ele nos diz com maior detalhe o que eles disseram ou pensaram. Da sua perspectiva, com efeito, eles são provavelmente sobretudo figuras remotas que não têm conexão mais profunda com a sua própria prática cética. A ligação histórica é ela mesma um tanto tênue. Depois de uma geração, ou algo assim, de seguidores imediatos, o interesse sobre Pirro parece ter desaparecido até que, no início do primeiro século d.C., ele foi adotado como a figura central de um novo movimento cético por parte de Enesidemo de Cnossos, que antes tinha sido membro da Academia. Nossa informação sobre Enesidemo também é escassa (embora saibamos que ele, diferentemente de Pirro, escreveu livros);<sup>17</sup> mas não há evidência clara de que a escolha de Enesidemo ao se intitular, a si e aos seus colegas, “seguidores de Pirro” (*hoi apo Pirrônos*) estivesse baseada em uma consideração detalhada do pensamento de Pirro e não em uma percepção geral de atitudes e traços comuns. Seja como for, o movimento começado por Enesidemo é o pirronismo ao qual Sexto mais tarde pertenceu. Não temos outros textos desse movimento além dos de Sexto. Para além das evidências bastante limitadas sobre Enesidemo, praticamente tudo o que sabemos sobre esse pirronismo antes de Sexto são os nomes de alguns outros aderentes.

<sup>16</sup> Para uma breve exposição desses pontos, ver Bett 2014a.

<sup>17</sup> Nossa avaliação dessa evidência foi bastante aperfeiçoada por Polito 2014.

Como antes sugerido, a melhor abordagem da versão do pirronismo de Sexto é por meio do primeiro livro de *PH*. No início desse livro, Sexto oferece, em uma sentença, a seguinte descrição do ceticismo, e a explica: “A habilidade cética é a de produzir oposições, entre coisas que aparecem e coisas que são pensadas, de todos os modos que houver, e a partir dela, dada a igual força dos objetos e explicações opostos, nós primeiro chegamos à suspensão do juízo e depois disso à tranquilidade.” (*PH* 1.8) Um procedimento em três estágios é aqui esboçado. No primeiro, coletam-se impressões (“coisas que aparecem”, o que pode se referir a impressões sensíveis ou, de modo mais geral, a qualquer modo pelo qual as coisas afetam alguém de modo não-reflexivo) e opiniões ou argumentos (“coisas pensadas”) sobre qualquer questão dada. Essas impressões, opiniões e argumentos exibem oposições entre si; pode haver impressões contraditórias da mesma coisa, ou argumentos contraditórios a seu respeito; ou uma impressão irrefletida pode ser contradita por um argumento acerca de um dado assunto — a multiplicidade é enfatizada por “de todos os modos que houver”. Então, diante de tais oposições entre as impressões, opiniões e argumentos acerca de qualquer questão dada, o que fazer? Pode-se tentar decidir entre elas e assim descobrir a verdade acerca da questão. Mas, de acordo com Sexto, isso não ocorrerá, porque as perspectivas opostas exibem a característica da “igual força” (*isostheneia*). Ou seja, não se dispõe de maior inclinação para optar por uma delas em lugar de outra; cada uma delas impõe-se com igual força. E, nessa situação, o único resultado possível é o de que se suspende o juízo. Esse é o segundo estágio.

O terceiro estágio, a tranquilidade, vai esperar um momento; diversas questões precisam ser postas sobre o que vimos aqui. Primeiro, como devemos entender essa noção de “igual força”? Trata-se de julgar que as posições opostas são de igual mérito racional, e suspende-se o juízo porque se extrai a conclusão de que se deve racionalmente fazer isso? Ou se trata de um processo puramente psicológico, em que alguém simplesmente se acha igualmente inclinado para, ou demovido de cada lado (ou de todos os lados) da questão e, dada a situação, vê-se declinando do assentimento a qualquer uma das alternativas? Ambas as interpretações têm seus adeptos.<sup>18</sup> Uma dificuldade para a primeira interpretação, a racional, é que os critérios de racionalidade a que se apela pareceriam ser eles próprios um alimento para a habilidade do cético em produzir oposições. Por outro lado, Sexto fala de *necessidade* de suspender o juízo e é difícil, por vezes, não ler isso como se referindo à necessidade racional,

---

<sup>18</sup> Para a primeira interpretação, racional, ver Perin 2010, capítulo 2; Vogt 2012, capítulo 5.3. Para a segunda, psicológica, ver Williams 2010.

imposta pelo mérito dos argumentos. Esse é particularmente o caso quando se trata dos grupos de argumentos padronizados conhecidos como os Modos (*PH* 1.35-179).<sup>19</sup>

Em segundo lugar, seja qual for a leitura de “igual força” que adotemos, por que Sexto é tão seguro de que a “igual força” será de fato produzida acerca de cada tópico? A resposta, como a entendo, tem a ver com a “habilidade” (*dynamis*) do cético: ele é alguém que é *muito bom* em reunir perspectivas opostas de um modo tal que elas exibam essa “igual força”. É claro que um conjunto de oposições que uma audiência acha ser de “igual força” pode não ser assim visto por outra; assim, esse procedimento deverá levar em conta aquele a quem está se dirigindo, e Sexto confirma esse ponto (*PH* 3.280-1). Uma suspeita natural é a de que seja possível haver uma boa dose de artifício e manipulação nesse processo, que o cético se proponha a gerar um certo tipo de atitude independentemente dos méritos reais do que está em discussão. Mas a resposta do céticos seria, sem dúvida, a de desafiar as normas de racionalidade ou a validade lógica etc. da qual essa suspeita deriva.

Em terceiro lugar, eu disse que o procedimento pode ser aplicado “sobre qualquer questão dada”, mas qual é o escopo disso? Algo que é claro é que o ceticismo pirrônico não é uma posição especificamente interna à epistemologia, como o são, na maioria, as formas de ceticismo na filosofia contemporânea. Pode-se, é claro, aplicar o procedimento a questões concernentes à natureza e extensão do nosso conhecimento, e às vezes Sexto faz isso (na taxonomia antiga, o que nós chamamos epistemologia recai na lógica). Mas não há uma limitação inerente a esse ou qualquer outro objeto de discussão particular, e os objetos considerados em *M* 1-6 são um bom exemplo disso. Uma questão mais controvertida é, formulemos assim, a do nível em que essas questões devem ser propostas. Aplica-se o ceticismo pirrônico apenas às posturas intelectuais dos filósofos e outros teóricos ou também às crenças não-teóricas das pessoas comuns? Sexto por vezes sugere que ele dá apoio às atitudes e práticas cotidianas em oposição às abstrações dos teóricos e, como veremos, *M* 1-6 inclui diversos exemplos dessa tendência. Mas, por vezes, as concepções das pessoas comuns figuram elas próprias entre os itens postos em oposição. Pode ser que Sexto hesite acerca desse ponto.

Finalmente, a caracterização do ceticismo como uma *habilidade* por Sexto aponta para outro contraste importante com o modo como o ceticismo é entendido na filosofia hoje. O ceticismo pirrônico não é uma teoria ou uma conclusão, mas, tal como eu o denominei diversas vezes, um processo ou um procedimento. O cético pirrônico não afirma nem nega um conjunto determinado de proposições, mas *faz* algo — a saber, instaura a suspensão do juízo. E isso,

---

<sup>19</sup> Ver Bett 2011a. Aqui eu ilustro por que é difícil enquadrar os Modos na interpretação psicológica, enquanto também expresse uma preferência geral por essa interpretação.

incidentalmente, é uma atividade a ser mantida; enquanto alguém pode desenvolver uma teoria ou alcançar uma conclusão e se dar por satisfeito com isso, a suspensão do juízo precisa ser mantida ao longo do tempo (em si mesmo ou nos outros) por um exercício sempre renovado dessa “habilidade”.

E o efeito dessa atividade, diz Sexto em conclusão, é a tranquilidade (*ataraxia*). Mais especificamente, como nos diz noutra parte (*PH* 1.25-30, *M* 11.141-4), ele se refere a tranquilidade em matéria de opinião. Todos nós, incluindo os cétricos, sofremos fome, sede, dor etc. (embora os cétricos, no fim das contas, saiam-se melhor do que outros mesmo aí — e as razões disso nos levariam muito longe). Mas sustentar opiniões pode ser também uma fonte de perturbação, e a suspensão do juízo — que é, precisamente, a abstenção de opiniões — pode assim livrar da perturbação. Quanto a por que isso ocorre, Sexto parece nos contar duas histórias um pouco diferentes. A sua menção inicial da *ataraxia* sugere que a suspensão de juízo, de modo muito geral, traz a tranquilidade, e as seções seguintes lançam um pouco mais de luz sobre isso. Ele nos diz que o cétrico é alguém que inicialmente tenta descobrir a verdade, pensando atingir a *ataraxia* desse modo (*PH* 1.26, 28-9, cf. 12). Mas isso não ocorre; defrontando-se com a “força igual” das considerações opostas, ele é forçado, ao invés disso, a suspender o juízo. Todavia, essa suspensão acaba por produzir a própria tranquilidade que ele estava inicialmente buscando.<sup>20</sup> Isso soa, então, como se querer descobrir a verdade mas estar incerto a seu respeito fosse perturbador; tenta-se inicialmente obter a tranquilidade através da sua descoberta, mas acaba-se obtendo-a, de fato, pela suspensão do juízo, e assim desiste-se de uma busca perturbadora e malsucedida. E isso vale independentemente do assunto investigado. Por outro lado, toda vez que Sexto explicitamente aborda a questão sobre por que a suspensão do juízo gera tranquilidade, sua resposta é sempre relativa a crenças acerca de um ponto específico: sobre se algumas coisas são boas por natureza e outras por natureza más. Crenças no sentido de que haja tais coisas, sustenta ele, produzem preocupação demasiada em obter o que é bom e evitar o que é mau. (*PH* 1.27-8, 30, *PH* 3.235-8, *M* 11.110-67) O cétrico, por contraste, é tranquilo por não ter essas crenças; quando não se sustenta que algo seja bom ou mau por natureza, as exigências são muito menores. Pode ser possível conciliar essas duas narrativas, mas seria desejável que Sexto tivesse explicado melhor como elas se relacionam<sup>21</sup>. De todo modo, a suspensão do juízo é tida como capaz de melhorar a vida, de modo que o cétrico

---

<sup>20</sup> Por certo, seria preciso uma explicação adicional de como essa obtenção inicial de tranquilidade através da suspensão do juízo se transforma na “habilidade” estabelecida do cétrico de gerar a suspensão do juízo (e, portanto, a tranquilidade). Sexto não a fornece. Mas eu penso que não é muito difícil de imaginar uma explicação que supriria essa lacuna.

<sup>21</sup> Eu discuti esse assunto em Bett 2010 (esp. 189-90) e Bett 2011b (esp. 7-9). É digno de nota que em uma passagem, *PH* 1.25-30, ele parece transitar livremente de uma a outra, como se não houvesse diferença entre ambas.



se sai melhor do que o não-cético — ou “dogmático”, para usar a linguagem de Sexto — e talvez mesmo do que as pessoas comuns, posto que também delas se diz que sustentam que certas coisas são por natureza boas ou más (*PH* 1.30).

Assim, o ceticismo não é uma ameaça a ser vencida, tal como tipicamente ele é visto na filosofia contemporânea; ao contrário, ele deve ser adotado como algo que livra da perturbação. Tampouco os seus benefícios são confinados ao domínio puramente intelectual; o ceticismo é um modo de vida cujos benefícios são bastante práticos. Podemos achar tudo isso crível ou não, mas é a imagem que Sexto nos oferece.

Até aqui eu me baseei em *PH*1 para essa exposição do ceticismo de Sexto, porque se trata do texto remanescente que é, de longe, o mais completo e explícito na descrição de sua posição. Mas, na seção introdutória de *M* 1-6, a sua única observação programática que é realmente clara parece estar precisamente em linha com as ideias que estivemos considerando. Sexto diz que “a mesma espécie de coisa ocorreu aos [pirrônicos] no caso das disciplinas como no caso da filosofia como um todo. Pois assim como eles foram atrás dela com uma expectativa de encontrar a verdade, mas depois de encontrar conflitos de igual força e falta de uniformidade nos objetos eles suspenderam o juízo, aqui também, no caso das disciplinas, eles se dispuseram a aprendê-las, buscando apreender a verdade, mas ao descobrir iguais impasses eles não os esconderam.” (*M* 1.6) O foco é na busca inicial da verdade e em como resulta na suspensão do juízo, em lugar do projeto continuado, ao qual isso conduz, de produzir a suspensão do juízo. Mas Sexto está, de modo bastante deliberado, informando-nos que o seu procedimento aqui é o mesmo que o usual, e a sua descrição desse procedimento é plenamente reconhecível segundo a explicação que vimos em *PH*. De fato, parte da linguagem é virtualmente idêntica em ambas as obras: “falta de uniformidade nas coisas” ocorre nos dois textos (*anômaliai tôn pragmatôn*, *M* 1.6; *tên en tois pragmasi anômalian*, *PH* 1.12), e “conflitos de igual força” (*isosthenei machêi*, *M* 1.6) faz eco a “disputa de igual força” na outra obra (*isosthenê diaphônian*, *PH* 1.26). Assim, a apresentação de Sexto na abertura de *M* 1-6 parece clara: ele vai criar oposições entre teorias e teses nas disciplinas, oposições que, em virtude das “forças iguais”, resultarão em suspensão do juízo — tal como ele o faz nos temas mais estritamente filosóficos que são considerados em *PH*. Não há menção aqui da *ataraxía*, mas isso não surpreende: Sexto, em geral, confina suas discussões sobre *ataraxía* à exposição básica do pirronismo em *PH* 1 e aos seus escritos sobre ética. O foco aqui, tal como ocorre ao longo de toda a obra de Sexto, é na produção da suspensão do juízo, e a *ataraxía*, seu resultado, não precisa ser mencionada.

### 3. Dogmatismo negativo?

Assim, tudo parece em ordem. Mas há uma complicação. Uma vez que *M* 1-6 é posto em marcha, frequentemente não parece que Sexto esteja fazendo o que ele disse que faria. Repetamos que, pela autodescrição de Sexto, o cético pirrônico suspende o juízo, não argumenta por conclusões definidas — nem mesmo negativas. Assim, argumentos para sustentar que nada, num certo domínio, pode ser conhecido, ou que um certo item não existe, ou que certa atividade é inútil, não contam como ceticismo de acordo com o pirrônico; em vez disso, são apenas uma outra forma de dogmatismo — “dogmatismo negativo”, como os comentadores modernos o denominaram. (Vemos aqui outro contraste com o ceticismo tal como discutido pela filosofia moderna, onde o “cético” é normalmente alguém que faz asserções de teses negativas sobre o conhecimento ou a existência.) Todavia, é precisamente no dogmatismo negativo que Sexto parece estar se engajando em vários pontos em *M* 1-6.

Já a primeira frase da obra — “o contra-argumento contra aqueles nas disciplinas” — traz o problema em foco. Sexto diz que os epicuristas e os pirrônicos produziram ambos tais “contra-argumentos”, mesmo que de tipos diferentes (*M* 1.1). Mas embora ele critique os epicuristas por serem dogmáticos ao criticarem essas disciplinas pela sua inutilidade (*M* 1.5), e isso seja repetido em um livro posterior (*M* 6.4), ele não volta atrás quanto à ideia de que o pirrônico está na incumbência de produzir contra-argumentos. Mesmo depois de ter se referido ao empreendimento cético da suspensão do juízo, na passagem que consideramos ao final da seção prévia, ele imediatamente retorna ao discurso recorrente sobre reunir argumentos *contra* as disciplinas, e a seção introdutória termina, como começou, com o termo “contra-argumento” (*antirrêsin*, *M* 1.7-8). E isso efetivamente dá o tom de boa parte da obra. Por exemplo, nos livros intermediários sobre geometria e aritmética, Sexto argumenta que linhas, pontos, círculos etc. — as entidades básicas da geometria — não existem (*M* 3.92) e que não há coisas tais como os números, ponto de partida da aritmética (*M* 4.34). Também no livro final, argumenta-se que a música é inexistente (*M* 6.38). Por vezes, apesar de sua crítica dos epicuristas, ele argumenta que algo é inútil: tal é o veredito final sobre a gramática (*M* 1.320). E algumas vezes os dois tipos de argumentos são combinados, como quando ele argumenta que a retórica é inexistente (*M* 2.60, 88), mas seus argumentos incluem abertamente a ideia de que, se houver algo como a retórica, uma expertise (*technê*) de falar em público, ela precisa ser útil — mas não é (*M* 2.26-43, 49). Não há menção de suspensão do juízo; aliás, o substantivo e o verbo usuais de Sexto para suspensão do juízo (*epochê*, *epechô*) praticamente não aparecem depois das observações introdutórias, e nunca o fazem nos

contextos programáticos (*M* 1.28, 157, 2.99).<sup>22</sup> Em vez disso, cada um dos livros é sintetizado pela afirmação de que se argumentou ali *contra* as coisas em que se acredita nas disciplinas em questão.<sup>23</sup>

Como explicar essa discrepância? Uma resposta fácil é a seguinte. É claro que a discussão de Sexto consistirá amplamente de argumentos *contra* as disciplinas consideradas, pois os argumentos *a favor* delas são supridos por elas próprias. Ao prover argumentos negativos, Sexto está simplesmente fazendo o que ele sempre alega fazer, produzindo uma situação de “igual força”. O lado positivo da questão já está presente, de modo que a “igual força” pede precisamente o que Sexto, de fato, nos dá — uma boa dose do lado negativo.

Penso que essa resposta é, em última instância, correta, mas que isso apenas não basta. Um ponto é que a consistência, a frequência e o tom das referências a contra-argumento, argumentar contra, argumento pela inexistência de algo ou sua inutilidade, e assim por diante, certamente soam como se a meta de Sexto em *M* 1-6 fosse *vencer* o debate e não a de conduzi-lo ao impasse da suspensão do juízo. É verdade que há casos numerosos, em suas outras obras, nos quais poder-se-ia ser levado a pensar que seu objetivo é mostrar que os dogmáticos estão errados; as longas porções de argumento negativo em *Contra os lógicos* e *Contra os físicos* são bons exemplos. Mas nesses casos Sexto regularmente esclarece que ele não está concordando com as conclusões desses argumentos negativos e sim usando-as para equilibrar os argumentos positivos dos dogmáticos (que ele frequentemente apresenta no seu próprio texto);<sup>24</sup> numa passagem, ele efetivamente diz que, para produzir esse equilíbrio, o cético pode muito bem precisar se concentrar no aspecto mais contra-intuitivo de uma questão (*M* 7.443) — e esse será, muito frequentemente, o lado negativo. Aqui, ao contrário, não há absolutamente nenhuma referência depois da seção introdutória à suspensão do juízo como o objetivo do cético, e a única referência a tal objetivo é na verdade precedida por referência a contra-argumentos. Na pior das hipóteses, Sexto pode ser acusado de não ser tão claro sobre suas intenções quanto poderia ter sido.

Um segundo ponto é que há uma boa razão para pensar que, a certa altura da sua história, o pirronismo estava disposto a avalizar argumentos negativos de algum tipo. O caso mais claro está no próprio Sexto, em seu *Contra os éticos*, que contém diversos argumentos para

<sup>22</sup> Ver também *isologias*, “argumentos iguais”, em *M* 1.144, referindo argumentos de igual força. Mas esta também é uma menção de passagem, que não discute as intenções gerais de Sexto.

<sup>23</sup> Sexto diz isso acerca da geometria e da aritmética consideradas juntas, no final de *Contra os Aritméticos* (*M* 4.34); essa é uma razão pela qual esses dois livros foram por vezes considerados como tendo sido originalmente um só. Em todos os outros casos, um comentário de síntese desse tipo, sobre a disciplina que se acaba de discutir, aparece nas sentenças finais de cada livro.

<sup>24</sup> *M* 7.443, 8.2, 159-60, 298, 476-7, 9.59, 137, 191, 192, 194, 10.168.

sustentar que nada é por natureza bom ou mau (*M* 11.68-95). Não só não há absolutamente nenhuma indicação de que nós devemos suspender o juízo sobre essa conclusão — nem mesmo introdutória, como a que é oferecida em *M* 1-6; Sexto diversas vezes nos diz que a *aceitação* dessa conclusão — e não a suspensão do juízo a seu respeito — é a via para a *ataraxia*. Falando de coisas que podem ser consideradas boas ou más, ele diz que “quando a razão estabeleceu que nenhuma dessas coisas é por natureza boa ou má, haverá um alívio da perturbação e uma vida tranquila estará ao nosso alcance” (*M* 11.130); “que nada é bom ou mau por natureza” é algo que nós precisamos “mostrar” (*hupodeixaimen*) à pessoa perturbada pela crença no oposto disso (*M* 11.140); e a liberdade da perturbação é algo que “admirá [ao cético] ao pensar que nada é bom ou mau por natureza” (*M* 11.118).<sup>25</sup> É defensável que a admissão de argumentos negativos foi muito mais ampla que isso. Pode-se encontrá-la nos argumentos de Enesidemo e também na vida de Pirro de Diógenes Laércio (9.61-108), da qual muito é um sumário de uma forma de pirronismo do período subsequente a Enesidemo.<sup>26</sup> Mas as questões aqui são complexas e controvertidas, e seria demasiado dispersivo embarcar nelas aqui.

O que podemos dizer é que, se houve alguma fase do pirronismo em que a admissão de argumentos negativos foi considerada aceitável — e o próprio *Contra os éticos* de Sexto é por si só suficiente para que tornar isso plausível —, a ênfase bastante forte em “contra-argumento” em *M* 1-6 torna-se menos surpreendente. Sabemos que Sexto se baseou amplamente em fontes mais antigas nos seus escritos, frequentemente sem fazer muitas mudanças nelas; isso fica claro a partir dos muitos paralelos verbais estreitos entre passagens de Sexto e de Diógenes Laércio, que devem estar se baseando em escritos pirrônicos anteriores agora perdidos.<sup>27</sup> Se, como é bem plausível, *M* 1-6 usa material desses escritos, então não seria grande surpresa se esse material incluir argumentos negativos que o autor original admitiu e Sexto não tiver feito muito para adaptar esse material de modo a se adequar à forma de pirronismo que ele professa oficialmente.

<sup>25</sup> Sobre essas passagens, Benjamin Morison diz: “O meio de evitar selar Sexto com uma inconsistência é ver que ele não está sugerindo que o cético deve *acreditar* que nada é bom ou mal por natureza mas antes que o cético *deve ter argumentos igualmente convincentes na manga que concluem* que nada é por natureza bom ou mal.” (Morison 2014, seção 4.2) Eu simplesmente não consigo ver como o texto pode ser lido desse modo; que o cético (ou qualquer um que deseje evitar perturbações) deva crer nisso é exatamente o que Sexto diz aqui. Não se segue que ele deva ser acusado de inconsistência. Em Bett 1997 eu sustento que, em *Contra os Éticos*, Sexto está oferecendo uma variedade consistente de ceticismo distinta da que encontramos em *PH*. (Isso de fato requer, é claro, que reconheçamos uma mudança de posição, mas isso não é a mesma coisa.) Uma vez que em *Contra os Éticos*, tal como em *PH*, ele se refere a si mesmo como um cético e trata da suspensão do juízo, eu me abstenho de chamar essa posição de dogmatismo negativo. Mas isso significa que algumas noções chave, incluindo a própria suspensão do juízo, têm que ser interpretadas de um modo diferente do usual.

<sup>26</sup> Eu defendi isso em Bett 2000, capítulo 4; ver também Woodruff 1988. Outras leituras de Enesidemo, que o aproximam muito mais do pirronismo de *PH*, são as de Schofield 2007 e Hankinson 2010. Sobre Diógenes, ver também Vogt 2015.

<sup>27</sup> Sobre isso, ver Barnes 1992, especialmente seção X.

Nesse caso, não precisamos acusar Sexto de dogmatismo negativo em *M* 1-6.<sup>28</sup> Como a “resposta fácil” acima sugeriu, nós podemos entender a pressão fortemente negativa da argumentação de Sexto como designada a cancelar os posicionamentos positivos em favor das disciplinas feitas pelos seus proponentes, resultando apenas na suspensão do juízo que ele diz almejar. Pode ser que, se ele tivesse composto sua obra a partir do zero, em vez de se basear em fontes mais antigas, ele não teria enquadrado seus argumentos em termos tão taxativamente negativos; talvez eles derivem de uma fase mais antiga do pirronismo em que argumentos negativos de certos tipos fossem perfeitamente aceitáveis e, assim, não tenham sido moldados para serem claramente compatíveis com a posição oficial de Sexto. Nesse caso, a impressão de negatividade tem uma explicação histórica, sem que necessitemos concluir que o próprio Sexto pretendeu aderir às conclusões dos argumentos negativos. Uma vez mais, poderíamos desejar que ele tivesse assinalado um pouco mais frequentemente (como faz nas outras obras) que a suspensão do juízo é o objetivo real — ou, noutras palavras, se minha hipótese estiver certa, tivesse feito um pouco mais para alinhar o material da fonte à sua própria abordagem. De todo modo, estamos autorizados a entender a suspensão do juízo como o propósito consistente da obra.

#### 4. Outros aspectos notáveis de *M* 1-6

Como foi com frequência notado, os seis temas de que trata Sexto são próximos das sete “artes liberais” que formaram o currículo básico padrão das universidades medievais: o *trivium*, que consiste de gramática, lógica e retórica, seguido pelo *quadrivium*, consistindo de aritmética, geometria, astronomia e música. Uma diferença óbvia é a omissão da lógica, mas isso é facilmente explicado pelo fato de que a lógica era também uma das três partes comuns da filosofia e é abordada extensamente nas partes mais estritamente filosóficas da obra de Sexto — nos dois livros *Contra os lógicos* e no livro 2 de *PH*. Na sua introdução, Sexto refere a esses campos como as disciplinas “cíclicas” (*egkuklia*) (*M* 1.7). A frase “educação cíclica” (*egkuklios paideia*) não é inusual,<sup>29</sup> e sabemos por Sêneca (*Carta* 88.23) que é o equivalente grego do latim *artes liberales*, designando os campos de estudos apropriados para as pessoas “livres” (i.e., pessoas que não precisam ganhar dinheiro). Embora Sexto mencione o termo como se fosse

<sup>28</sup> Em Bett 2006 eu concluí que a argumentação negativa não podia ser reconciliada com o propósito oficial de Sexto em *M* 1-6. Agora penso que isso fui longe demais e que, sem abrir mão da ideia de uma fase anterior do pirronismo na qual se teria aceitado argumentação negativa, ou da ideia de que *M* 1-6 possui traços dessa fase anterior, nós podemos oferecer uma explicação consistente do trabalho nos seus próprios termos. Um pouco mais sobre a concepção de Sexto nessa obra está é dito em Bett 2013, seção 2.

<sup>29</sup> Por exemplo, Athenaeus 184b, [Plutarco] *Sobre a Música* 1135d.

bem entendido (e decline por essa razão dizer-nos algo a seu respeito), o significado do termo “cíclico” nesse contexto não é, na verdade, inteiramente óbvio, mas uma explicação o aproximaria da nossa noção de uma educação “completa”.<sup>30</sup> De todo modo, a frase parece referir um grupo padrão de temas nos quais uma pessoa geralmente educada deveria ter algum treino. Sexto também sugere que a identidade e o número destes era fixo na sua época. Isso pode não ser de todo verdade;<sup>31</sup> mas Filo de Alexandria (*De congressu eruditionis gratia* 11-12), provavelmente mais de um século antes de Sexto, já os identificava como gramática, geometria, astronomia, retórica e música, o que se aproxima da lista de Sexto. Decerto que uma versão mais antiga do *quadrivium* pode ser identificada já na *República* de Platão, nas disciplinas matemáticas que são o prelúdio à dialética na educação superior dos eventuais reis filósofos, e sua origem pode ser pitagórica.

Outra diferença aparente entre a lista de Sexto e a do *quadrivium* é que ele trata de astrologia, em vez de astronomia. Isso pode não ser tão significativo quanto parece, uma vez que astronomia e astrologia não estavam definitivamente separadas até o período moderno. Mas o modo como Sexto as distingue oferece novas questões sobre a sua abordagem desses temas em sua obra.

Diversas vezes Sexto menciona uma contraparte cotidiana e prática das áreas cujas credenciais ele está atacando, dizendo que nada tem contra ela. No caso da gramática, ele distingue entre a habilidade comum de ler e escrever e o estudo teórico da linguagem em que se engajam os gramáticos — algo que ele sarcasticamente denomina de um “poder mais profundo” (*M* 1.49); sua crítica pretende voltar-se a este, não àquela.<sup>32</sup> Similarmente, no início do último livro, ele deixa claro que não tem nada contra a habilidade de tocar instrumentos musicais; a sua suspeita é acerca da *ciência* (*epistêmê*) que pretende analisar a música em seus elementos básicos e explicar a sua natureza. (*M* 6.1) Isso pode parecer dissimulação, pois apenas a segunda metade do livro (39-68) trata desse tipo de teoria da música; a primeira metade discute, em vez disso, se a música é ou não uma via à felicidade, e no mais das vezes “música” nesse contexto significa o tocar e o cantar comuns, não a teoria da música. Mas, em defesa de Sexto, o material da primeira parte é explicitamente considerado por ele como “mais

---

<sup>30</sup> Ver Blank, 84-5 para referências e uma explicação alternativa. Para uma perspectiva um tanto diferente, ver pp.27-32 da Introdução de Pellegrin *et alii* (Para outras edições, traduções e comentários de ou sobre *M* 1-6 como um todo, ou de seus livros individuais, eu uso citações abreviadas; ver a lista de abreviações para uma informação bibliográfica completa e a Nota sobre o Texto e a Tradução para detalhes adicionais, ambos presentes na tradução para o inglês; ver nota \*).

<sup>31</sup> A passagem de Athenaeus (cf. n.28), entre outras, sugere alguma fluidez.

<sup>32</sup> Embora esse ponto não seja tão proeminente, há pelo menos sugestões da mesma espécie de contraste no livro sobre retórica; a linguagem ordinária pode desempenhar tão bem, ou frequentemente melhor, do que a linguagem pomposa que os retores ensinam. (*M* 2.57-9, 74-7)

dogmático” do que ele pretendia, e ele o parece estar tomando dos epicuristas (*M* 6.4 — mencionei isso na seção anterior); ele diz que o está incluindo em vista de completude (*M* 6.6), e embora não seja inteiramente claro por que ele se sente obrigado a incluir material com o qual ele não se sente de todo confortável, o fato é que é com o segundo livro que ele se identifica plenamente.<sup>33</sup> Ademais, pode-se dizer que, mesmo na primeira parte, não é o cantar e o tocar em si mesmos, ou seus praticantes, que estão sendo questionados, mas as alegações demasiado entusiásticas feitas por outros em seu favor.<sup>34</sup>

Há um terceiro caso em que Sexto contrasta um emprego prático de algum tema com uma contrapartida teórica e abstrusa, sendo esta e não aquele o alvo de sua crítica: a astronomia versus a astrologia, no início do quinto livro. Ele diz que não vai levantar nenhuma objeção à astronomia praticada por Eudoxo, Hiparco e outros: “pois, como a agricultura e a navegação, trata-se de uma observação aplicada às coisas que aparecem, graças às quais é possível profetizar enchentes e secas, pragas e terremotos e outras mudanças ambientais de tipo similar.” (*M* 5.2) Em contraste, a astrologia é tida como efetivamente perniciosa e é dela que ele vai tratar. O que é intrigante sobre isso — e parece diverso dos casos da gramática e da música ora mencionados — é que a astronomia de peritos como Eudoxo e Hiparco parece um excelente exemplo de ciência teórica. Porém, o que parece importar a Sexto aqui é o fato de que a astronomia desse tipo é “uma observação aplicada às coisas que aparecem” (*têrêsis ... epi phainomenois*), enquanto a estrutura teórica da astrologia é pura fantasia e o seu alegado elemento observacional — estabelecendo o estado do céu no momento do nascimento da pessoa — é absolutamente impraticável (e este é o ponto central de seu contra-argumento). Como enfatiza, corretamente, um bom artigo recente sobre a abordagem de Sexto nessa obra, o “aparente” é uma categoria muito importante para Sexto.<sup>35</sup> Como Sexto explica no primeiro livro de *PH* (1.21-4), o cético faz escolhas e, de modo geral, vive sua vida com base no aparente; é a alegação dos dogmáticos de que penetraram na natureza real das coisas sob o aparecer que levanta a principal suspeita da parte de Sexto. Que a astronomia seja ao menos fundada nas coisas aparentes, enquanto a astrologia, sejam quais forem suas pretensões, se aventura para além delas, parece ser, assim, um ponto muito importante a favor da astronomia, mesmo se isso requer que ele desmereça radicalmente os aspectos da astronomia pelos quais alguém poderia também pô-la na lista do que considera dogmático e objetável.

<sup>33</sup> Discuti isso mais longamente em Bett 2013, seção 2.

<sup>34</sup> E, mesmo aqui, tanto o aspecto positivo quanto o negativo são esboçados, de modo que a passagem toda pode ser vista como um exercício cético de suspensão do juízo. Por outro lado, ao manter o mesmo tom na obra toda que se segue à introdução (como notado na seção prévia), as observações explicitamente metodológicas nesse livro são inteiramente focalizadas nos contra-argumentos, não na força igual dos argumentos opostos.

<sup>35</sup> Corti 2015a, com o qual eu muito aprendi, a despeito de uma reserva menor assinalada abaixo.

Curiosamente, não há contrastes comparáveis nos livros sobre geometria e aritmética, embora se pudesse pensar que seria igualmente pertinente contrastar essas áreas de estudo com o uso prático e cotidiano de triângulos, quadrados etc. na carpintaria ou na “medição de terra” (base etimológica do termo “geometria”, como o próprio Sexto observa — *M* 1.46), ou dos números em todos os tipos de comércio.<sup>36</sup> Mas talvez Sexto pensasse que nós o compreenderíamos a despeito disso.<sup>37</sup> Seja como for, esses dois livros parecem ser bem diferentes dos demais em outro aspecto. O terceiro livro lida com uma concepção euclidiana, em sentido amplo, de geometria, enquanto o quarto lida, não com a teoria euclidiana do número, mas com uma concepção pitagórica de número segundo a qual eles são os princípios da natureza. Não estou seguro de que isso possa ser plenamente explicado, dada nossa ignorância dos hábitos de trabalho de Sexto e das fontes disponíveis a ele. Mas algo que unifica essa escolha de material é que, de um modo ou de outro, e seja por que razão for, cada um dos dois livros aborda os assuntos da matemática com os quais ele lida na investigação da física.

Isso é talvez mais óbvio no caso do *Contra os aritméticos*; os pitagóricos consideravam que os números eram, em algum sentido, os princípios do cosmo e, desse modo, ao tratar da sua concepção de números, Sexto está tratando de uma posição que pertence tanto à cosmologia quanto à matemática. Não é por acaso que o seu tratamento do número em *Contra os físicos* (*M* 10.248-309) contém alguns paralelos com passagens do *Contra os aritméticos*<sup>38</sup>. E o mesmo ocorre com o tratamento do corpo em *Contra os físicos* (*M* 9.366-439) e em passagens de *Contra os geométricos*. E embora, como eu disse, a geometria discutida seja genericamente euclidiana em seu estilo, com diversas definições que seguem de perto as de Euclides, pode-se sustentar com plausibilidade que o alvo real do livro não é Euclides nem seus seguidores, mas a “geometria como meio de modelar o mundo físico”, e que o objetivo de Sexto aqui era “comprometer o apoio que se pretendia obter com a geometria para a parte física da filosofia

---

<sup>36</sup> Ele faz um contraste desse tipo no início de seu tratamento do número em *PH* (3.151).

<sup>37</sup> Corti 2015a, 142-3 alega que as contrapartidas práticas não são mencionadas nesses dois livros por causa da natureza das entidades examinadas. Os pontos abstratos e as linhas da geometria “não podem ser aparentes”, nem os números que os pitagóricos pensam que governa o universo; assim, não pode haver nenhuma atividade prática baseada nesses objetos. É verdade que os pontos e linhas geométricos não são observáveis, nem os números de estilo pitagórico. Mas não vejo por que isso deveria descartar a medição dos terrenos, usando os recursos rústicos e eficazes que na linguagem comum chamamos de linhas e pontos, como uma contraparte prática da geometria, ou a conta do troco, usando os números que aprendemos quando criança, como a contraparte prática da aritmética. Por que essas entidades deveriam ser exatamente as mesmas nos casos teóricos e práticos? De fato, é defensável que eles não sejam os mesmos no caso da astrologia e da forma aprovada da astronomia; os signos do zodíaco não desempenham nenhum papel na astronomia. É defensável também que os números que aprendemos como crianças igualmente não “façam nenhum aparecer”, assim como os seres nos quais acreditavam os pitagóricos. Se a resposta é que os números “aparecem”, no sentido que eles mentalmente ocorrem para nós, bem, nesse mesmo sentido as entidades postuladas pelo geométrico “aparecem” ao geométrico. Por isso não estou convencido que o apelo de Corti à importância que a observação e o aparecer têm para Sexto, por mais valioso que seja nesse contexto, tenha tanto poder explanatório quanto ele lhe concede.

<sup>38</sup> Para detalhes, ver a lista de passagens paralelas que acompanham a tradução para o inglês, ver a nota \*.



dogmática”.<sup>39</sup> Muitos dos argumentos nesse livro dependem das tentativas de conceber os objetos geométricos em termos físicos. Naturalmente essas tentativas falham, mas um geômetra puro não veria problema nisso. Se, todavia, Sexto está mirando a geometria *enquanto usada na física*, os argumentos podem parecer bem mais relevantes.

Chamei a atenção para a aceitação, por Sexto, das atividades práticas cotidianas correspondentes a diversas das disciplinas que são objeto de seu exame; e isso, como eu sugeri antes, é consistente com sua tendência mais geral de se retratar como favorável ao senso comum e contrário às abstrações teóricas dos dogmáticos. Todavia Sexto era ele próprio um médico, o que põe a questão de saber quais tipos de disciplinas a posição cética de *M* 1-6 pode admitir: presumivelmente a resposta não pode ser “nenhuma”.<sup>40</sup> Ora, a parte inicial do primeiro livro poderia parecer sugerir que “nenhuma” é de fato a resposta e certamente põe o problema agudamente em foco. Depois da breve introdução ao todo da obra, mas antes de ser considerada a primeira disciplina, a gramática, há uma série de argumentos para a não existência do ensino e do aprendizado em geral. (*M* 1.9-40). Porém, em *PH* (1.23-4) o próprio Sexto menciona “o ensinamento das artes” (*didaskalia technôn*) — incluindo, devemos admitir, o ensino da sua própria arte, medicina — como uma das quatro categorias principais do aparecer em que o cético pode se fiar para a escolha e a ação. Pode-se acrescentar que o ensino e a aprendizagem, incluindo das formas de arte, certamente são, do mesmo modo, parte importante da vida comum.

Sexto não aborda a questão explicitamente em *M* 1-6. Mas, em seu favor, uma resposta poderia ser sugerida nos termos seguintes. O tipo de ensino que ele não aceitará, e que ele entenderia ser proeminente nas disciplinas que ele ataca, é a transmissão dos corpos de conhecimento teórico. O tipo de ensino que ele admitirá é a inculcação de habilidades, ou de conjuntos sistemáticos de atividades, através de uma prática supervisionada. Lembre-se que o próprio ceticismo é identificado como uma “habilidade” em *PH* 1 — ou seja, um “saber como”, em vez de uma teoria ou uma doutrina, e isso sem dúvida afeta o modo como pode ou deve ser ensinado. A medicina, que é a arte que pratica o próprio Sexto, pode ao menos parecer um contraexemplo parcial a essa concepção de ensino; certamente, pode-se dizer, enquanto aprender a ser um médico envolve a aquisição de uma boa medida de “saber como”, envolve também o entendimento das operações internas do corpo. Mas a escola de medicina empírica,

<sup>39</sup> A hipótese é bem sustentada por Dye & Vitrac 2009; eu cito a partir do resumo introdutório em inglês.

<sup>40</sup> Esse tema é explorado em detalhe em Bullock 2015. Bullock é um pouco mais simpático a uma noção de “ciência cética” do que eu pretendia ser, por razões que talvez digam respeito mais à filosofia da ciência do que à interpretação de Sexto. Mas a ideia básica de que uma tal ciência teria que evitar crenças definidas sobre a natureza das coisas me parece totalmente correta.

à qual Sexto parece ter pertencido, rejeita exatamente isso; a sua forma de medicina era simplesmente um conjunto de rotinas que se revelaram efetivas através da experiência — técnicas para consertar ossos, tratar de ferimentos etc. — sem uma explicação adicional de por que essas rotinas funcionam. E quando ele critica o empirismo no intrigante capítulo a que me referi acima (*PH* 1.236-41), ele o faz por causa do seu dogmatismo negativo, isto é, por afirmar que as operações internas do corpo são incognoscíveis. O metodismo se sai melhor, de acordo com ele, porque se limita aos tratamentos guiados pela experiência e evita quaisquer teses sobre os processos subjacentes, ou sobre se são ou não cognoscíveis. Uma vez mais, podemos achar essa concepção de medicina difícil de aceitar — ou, mesmo se aceitamos que Sexto pode dar essa explicação consistentemente, podemos ter a impressão de que ninguém pode hoje admitir uma coisa dessas. Mas essa é a maneira mais natural de mostrar como ele pode igualmente atacar as disciplinas (e o ensino e a aprendizagem em geral) e também aceitar as práticas da vida ordinária, e adquirir, bem como transmitir, as suas próprias formas de arte.

Encerro com uma breve consideração acerca de três traços adicionais de *M* 1-6 que merecem comentário. Primeiro, a curiosa sensação de anacronismo que notei na obra de Sexto como um todo parece fazer-se presente também em *M* 1-6. Os praticantes da oratória mencionados em *Contra os retores* são todos dos séculos quinto e quarto a.C.,<sup>41</sup> e as figuras mais tardias no livro são Hermágoras e Ateneus (*M* 2.62), retores do segundo século, bem como Clitômaco e Cármas (*M* 2.20), acadêmicos do final do segundo século.<sup>42</sup> Nenhum dos muitos gramáticos mencionados em *Contra os gramáticos* pode ser claramente datado como posterior ao início do primeiro século a.C. *Contra os astrólogos* não tem traços da sofisticada defesa da astrologia montada por Ptolomeu, que antecedeu Sexto, se o argumento sobre sua datação na seção primeira estiver correto, ou foi seu contemporâneo, segundo diversas outras reconstruções. Seu alvo, como bem se disse, era “algo muito mais primitivo”.<sup>43</sup> E, enquanto *Contra os músicos* oferece numerosos paralelos com *Sobre a música*, de Filodemo, que talvez se devam explicar por Sexto se basear em Filodemo,<sup>44</sup> isso apenas faria remontar o seu conhecimento de pensadores precedentes até a metade do primeiro século a. C.

Em segundo lugar, o foco da discussão de Sexto dirige-se principalmente aos *princípios* dos assuntos abordados. Isso é explicitamente justificado com base no fato de que, quando se removem os princípios da coisa, tudo mais que nela está desmorona junto com ela (*M* 1.40);

---

<sup>41</sup> Demades (*M* 2.16), Demosthenes e Aeschines (*M* 2.40), Corax (*M* 2.96-9).

<sup>42</sup> Discuti esse ponto, com referência à aparente ignorância da Segunda Sofística por parte de Sexto, em Bett (no prelo).

<sup>43</sup> Long 1982, p.186. Este artigo é um valioso recenseamento de argumentos a favor e contra a astrologia na antiguidade tardia, que apropriadamente põe o tratamento de Sexto em contexto.

<sup>44</sup> Sobre isso, ver D. Delattre 2006 e Bett 2013, seção 3.

esse método é assim mais efetivo, posto que mais abrangente, do que uma atenção pontual aos seus detalhes mais precisos. Mas há diversas outras referências a um ataque aos princípios (p. ex., *M* 3.18, 3.92, 6.38, 6.68), e isso é confirmado pela abordagem de Sexto em boa parte da obra. Podemos pensar nos princípios de um tema como os seus axiomas fundamentais, um conjunto de proposições que fundamenta tudo o mais que se admite nesse campo, e o ataque de Sexto ao método da hipótese no início de *Contra os geômetras* parece conformar-se a essa expectativa.<sup>45</sup> Assim, a maior parte de *Contra os geômetras* argumenta pela não existência de linhas, pontos, corpos etc.; *Contra os aritméticos*, pela não existência de números; a segunda metade de *Contra os músicos* (a parte que, como eu disse, Sexto parece dizer que seja de sua autoria *M* 6.38-68) pela não existência de som e de tempo, nem, assim, de notas e de ritmos; e uma porção substancial de *Contra os gramáticos* ergue dificuldades acerca dos componentes básicos da gramática: letras, sílabas, palavras e o discurso deles composto (*M* 1.97-158). Esse foco nos princípios por parte de Sexto não se limita à presente obra. A mesma justificação para ele (com o mesmo apelo a metáforas envolvendo o ataque militar) aparece nas duas outras obras de Sexto (*PH* 2.84, *M* 9.1-3). Em *PH* ele é conectado com o caráter de “esboço” da obra: Sexto pretende refutar os dogmáticos do modo mais prático possível. Mas a aparição do mesmo ponto nos *Tratados Céticos*, que são muito mais discursivos, bem como na presente obra, mostra que seu apreço por ele vai além da questão da eficiência. Um de seus resultados na presente obra é a de que se dá menos atenção do que se poderia esperar às especificidades das disciplinas que estão sob discussão. Em *Contra os músicos*, por exemplo, os argumentos contra o som e o tempo não tem nada a ver com a música *per se*, mas apelam a considerações filosóficas muito mais gerais — são, inclusive, próximos do material presente em *Contra os lógicos* e *Contra os físicos*<sup>46</sup>. Sexto resume brevemente alguns elementos de teoria musical (*M* 6.39-51), mas eles são simplesmente ignorados quando os contra-argumentos começam. E não se aprende praticamente nada sobre a prática real da geometria e da aritmética pelos livros que tratam desses assuntos; argumentos contra a própria existência de linhas, pontos, corpos e números provavelmente não vão de encontro a nada do que um matemático praticante possa dizer, posto que (como já Platão deixa claro na *República*, 510c) um matemático assume essas coisas como dadas.

Finalmente, há um nível surpreendente de dependência, nessa obra, de materiais epicuristas. Já mencionei que Sexto acusa os epicuristas de dogmatismo quando eles advogam que as disciplinas são inúteis e, ainda assim, ele por vezes usa os próprios argumentos pela

<sup>45</sup> Ver especialmente *M* 3.1, 4-5, 17 com notas.

<sup>46</sup> Discuti isso em maior detalhe em Bett 2013.

inutilidade, algumas vezes abertamente recorrendo a uma fonte epicurista.<sup>47</sup> Há também lugares em que uma fonte epicurista é detectável mas sem que a utilidade ou sua ausência estejam em discussão. Os casos mais óbvios ocorrem perto do final de *Contra os geômetras*; numa passagem, os epicuristas são explicitamente citados, noutras há uma razão direta ou indireta para inferir que Sexto está usando material de fonte epicurista<sup>48</sup>. Chamei a atenção para paralelos com epicuristas e possíveis fontes epicuristas em algumas notas à tradução em vários dos seis livros<sup>49</sup>.

Revela-se, assim, que a relação de Sexto com o epicurismo (tal como revelada particularmente, mas talvez não exclusivamente, nessa obra) é um tanto peculiar. Ele dificilmente pode evitar de rotulá-lo como uma forma de dogmatismo; afinal, o epicurismo propõe teorias éticas e físicas bastante definidas. Mas mesmo assim ele parece ter uma espécie de simpatia, que é bastante diferente da sua atitude destrutiva, de desprezo, em relação ao estoicismo e o aristotelismo<sup>50</sup>. Uma razão, talvez, é a existência do que poderíamos denominar um minimalismo da filosofia epicurista; noutros termos, que essa filosofia se engaja bem menos em voos filosóficos imaginativos (o que Sexto considera como tais) do que outras filosofias. Para os epicuristas, o mundo não subsiste de uma maneira fundamentalmente ordenada; é apenas uma coleção de átomos que ocorre de se unir como se uniram — e nós mesmos somos apenas coleções de átomos aos quais o mesmo se aplica. Claro que essa é uma tese dogmática, mas uma tese que conduz bem menos a doutrinas adicionais elaboradas e ambiciosas, como no caso das visões de mundo estoica e aristotélica<sup>51</sup>. Ademais, o dogmatismo dos epicuristas, ao menos na física, é moderado, em certo sentido. Os epicuristas não alegam que encontraram a natureza precisa das coisas; em muitos casos eles estão prontos a admitir (ou mesmo insistem que devemos admitir) múltiplas explicações possíveis dos fenômenos, sem se preocupar com qual delas é a correta<sup>52</sup>. A única coisa que interessa é que elas sejam todas igualmente

---

<sup>47</sup> Por exemplo, *M* 1.277-99. Essa passagem termina indicando que o material precedente é “dito sobre esse tópico por outros, e especialmente pelos epicuristas” (*M* 1.299). Sexto em seguida procede a uma linha diferente de argumento. Mas o início da passagem não tem nenhuma qualificação análoga: Sexto simplesmente diz que, tendo exposto as diversas alegações sobre a utilidade da gramática, “passemos... a falar contra cada uma delas” (*M* 1.277) — e assim procede mesmo que a proveniência epicurista do que se segue seja clara. E mesmo ao final, ao atribuir os argumentos a outros, ele não se põe menos à vontade de tomá-las para os seus próprios propósitos; não há nenhuma atitude de pôr-se à parte como vimos noutras ocasiões.

<sup>48</sup> Veja *M* 3.98, 100-1, 108 com as notas que acompanham.

<sup>49</sup> Documentação (ou postulação) mais ampla de fontes epicuristas pode ser encontrado no comentário de Blank a *M* 1 e nas notas de Davidson Greaves e de Pellegrin et al. a *M* 6. Davidson Greaves é menos prático do que poderia ser por causa do seu sistema de numeração peculiar, muito diferente do usual para os textos de Sexto. O tradutor e anotador para *M* 6 em Pellegrin et al. é Daniel Delattre, um especialista no fragmentário Sobre a Música do epicurista Filodemo; ver especialmente Delattre 2007.

<sup>50</sup> Isso é bem discutido por Marchand 2013.

<sup>51</sup> Sobre a oposição entre epicurismo e estoicismo, uma indicação grosseira disso é o número de páginas dado a cada em LS. Em ambos os volumes, a porção estoica é cerca do dobro da porção epicurista.

<sup>52</sup> Este é um tema recorrente na Carta de Epicuro a Pythocles (DL 10.83-116).

condutoras à *ataraxia* (o que, na sua visão, significa que elas devem ser consistentes com a sua teoria atômica básica). Isso é mais ou menos o mais próximo de uma suspensão do juízo que se pode obter dentro de um enquadramento dogmático. Ademais, é claro, o objetivo da *ataraxia* é compartilhado por epicuristas e pirrônicos, mesmo que sua via para ela seja bastante diferente.

Quanto ao tema específico da presente obra, é talvez ainda relevante que o estilo de vida epicurista seja também minimalista — um resultado não-acidental de a *ataraxia* ser o objetivo deles (em lugar, digamos, da muito mais energética “atividade da alma de acordo com a virtude” aristotélica, *NE* 1098a16-17). Se você decidiu que é apenas uma coleção de átomos e que a coisa mais importante é ater-se a esse fato e à libertação da perturbação que ele proporciona, então uma vida simples em uma comunidade de amigos com ideias semelhantes, como o próprio Jardim de Epicuro, faz bastante sentido. O que não faz sentido é cultivar um cabedal de disciplinas que o capacitam a tornar-se um membro respeitado de uma sociedade externa, plena de perturbações e indutora de ansiedade, como é supostamente o caso nas “artes liberais”. Além disso, algumas dessas disciplinas — penso particularmente na geometria — podem ter sido antitéticas com os princípios físicos epicuristas; se a realidade consiste de átomos e vazios, as figuras geométricas são simplesmente ficções<sup>53</sup>. Assim, é bastante consistente com a filosofia e o modo de vida epicuristas que eles tenham tido uma postura crítica relativamente a essas disciplinas. E então, mesmo pondo à parte uma afinidade filosófica (admitidamente limitada) que Sexto possa ter sentido relativamente a eles, não surpreende que eles tenham produzido um conjunto de argumentos contra essas disciplinas que Sexto teria achado especialmente úteis no seu próprio *Contra aqueles nas disciplinas*.

### Referências bibliográficas

- ALLEN, James, 2010. “Pyrrhonism and Medicine”, in Richard Bett, ed., *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press), 232–48.
- BARNES, Jonathan, 1992. “Diogenes Laertius IX 61–116: The Philosophy of Pyrrhonism”, in H. Haase, ed., *Aufstieg und Niedergang der Römischen Welt* II.36.6 (Berlin: de Gruyter), 4241–301.
- BETT, Richard, 1997. *Sextus Empiricus, Against the Ethicists*, translated with an introduction and commentary (Oxford: Clarendon Press).
- BETT, Richard, 2000. *Pyrrho, his Antecedents, and his Legacy* (Oxford: Oxford University Press).

---

<sup>53</sup> Isto é sustentado fortemente por Netz 2015; uma pequena mostra de evidência é o material epicurista no final de *M* 3, a que logo acima nos referimos.

- BETT, Richard, 2005. *Sextus Empiricus, Against the Logicians*, translated with an introduction and notes (Cambridge: Cambridge University Press).
- BETT, Richard, 2006. “La double ‘schizophrénie’ de M 1–6 et ses origines historiques”, in J. Delattre 2006, 17–34.
- BETT, Richard, 2010. “Scepticism and Ethics”, in Richard Bett, ed., *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press), 181–94.
- BETT, Richard, 2011a. “Pyrrhonian Skepticism”, in Sven Bernecker and Duncan Pritchard, eds., *The Routledge Companion to Epistemology* (New York/London: Routledge), 403–13.
- BETT, Richard, 2011b. “How Ethical Can an Ancient Skeptic Be?”, in Diego Machuca, ed., *Pyrrhonism in Ancient, Modern and Contemporary Philosophy* (Dordrecht/Heidelberg/London/New York: Springer), 3–17.
- BETT, Richard, 2012. *Sextus Empiricus, Against the Physicists*, translated with an introduction and notes (Cambridge: Cambridge University Press).
- BETT, Richard, 2013. “A Sceptic Looks at Art (But Not Very Closely): Sextus Empiricus on Music”, *International Journal for the Study of Scepticism* 3, 155–81.
- BETT, Richard, 2014a. “Pyrrho”, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. <<http://plato.stanford.edu/entries/pyrrho/>>.
- BULLOCK, Joseph, 2015. *Skeptical Science: The Pyrrhonian Critique of Technai in Against the Professors (M I–VI)* (University of Texas-Austin: PhD dissertation).
- CORTI, Lorenzo, 2015a. “Scepticism, Number, and Appearances: The ἀριθμητική τέχνη and Sextus’ Targets in M I–VI”, *Philosophie antique* 15, 121–45.
- DELATTRE, Daniel, 2006. “Présence de l’épicurisme dans le Contre les Grammairiens et le Contre les Musiciens de Sextus Empiricus”, in J. Delattre 2006, 47–65.
- DYE, Guillaume and Vitrac, Bernard, 2009. “Le Contre les géomètres de Sextus Empiricus: sources, cible, structure”, *Phronesis* 54, 155–203.
- FLORIDI, Luciano, 2010. “The Rediscovery and Posthumous Influence of Scepticism”, in Richard Bett, ed., *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press), 267–87.
- FREDE, Michael, 1985. *Galen, Three Treatises on the Nature of Science*, translated by Richard Walzer and Michael Frede, with an introduction by Michael Frede (Indianapolis: Hackett Publishing Company).
- HANKINSON, R.J., 2010. “Aenesidemus and the Rebirth of Pyrrhonism”, in Richard Bett, ed., *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press), 105–19.
- HOUSE, D.K., 1980. “The Life of Sextus Empiricus”, *Classical Quarterly* 30, 227–38.
- JANÁČEK, Karel, 1963. “Die Haupschrift des Sextus Empiricus als Torso erhalten?”, *Philologus* 107, 271–7. Reprinted in Janáček 2008, 124–31.
- JANÁČEK, Karel, 1972. *Sextus Empiricus’ Sceptical Methods* (Prague: Universita Karlova).

- JANÁČEK, Karel, 2008. *Studien zu Sextus Empiricus, Diogenes Laertius und zur pyrrhonischen Skepsis*, ed. Jan Janda and Filip Karfik (Berlin/New York: Walter de Gruyter).
- JOUANNA, J., 2009. “Médecine et philosophie: sur la date de Sextus Empiricus et celle de Diogène Laërce à la lumière du corpus galénique”, *Revue des études grecques* 122, 359–90.
- LONG, A.A., 1982. “Astrology: Arguments pro and contra”, in Jonathan Barnes, Jacques Brunschwig, Myles Burnyeat, and Malcolm Schofield, eds., *Science and Speculation: Studies in Hellenistic Theory and Practice* (Cambridge: Cambridge University Press), 165–92. Marchand, Stéphane, 2013. “Le statut de la philosophie épicurienne dans le néopyrrhonisme”, in Stéphane Marchand and Francesco Verde, eds., *Épicurisme et Scepticisme* (Rome: Sapienza Università Editrice), 63–82.
- MORISON, Benjamin, 2014. “Sextus Empiricus”, in *Stanford Encyclopedia of Philosophy*. <<http://plato.stanford.edu/entries/sextus-empiricus/>>.
- NETZ, Reviel, 2015. “Were There Epicurean Mathematicians?”, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 49, 283–319.
- PERIN, Casey, 2010. *The Demands of Reason: An Essay on Pyrrhonian Scepticism* (New York: Oxford University Press).
- POLITO, Roberto, 2014. *Aenesidemus of Cnossos: Testimonia, edited with introduction and commentary* (Cambridge: Cambridge University Press).
- ROSE, Valentin, 1866. “Eine Lücke im Diogenes Laertius und der alte Übersetzer”, *Hermes* 1, 367–97.
- SCHOFIELD, Malcolm, 2007. “Aenesidemus: Pyrrhonist and ‘Heraclitean’”, in A.M. Ioppolo and D.N. Sedley, eds., *Pyrrhonists, Patricians, Platonizers: Hellenistic Philosophy in the Period 155–86 BC* (Naples: Bibliopolis), 271–338.
- SEDLEY, David, 2003. “Philodemus and the Decentralisation of Philosophy”, *Cronache ercolanesi* 33, 31–41.
- VOGT, Katja Maria, 2012. *Belief and Truth: A Skeptic Reading of Plato* (New York: Oxford University Press).
- VOGT, Katja Maria, ed., 2015. *Pyrrhonian Skepticism in Diogenes Laertius: introduction, text, translation, commentary and interpretative essays* (Tübingen: Mohr Siebeck).
- WILLIAMS, Michael, 2010. “Descartes’ Transformation of the Sceptical Tradition”, in Richard Bett, ed., *The Cambridge Companion to Ancient Scepticism* (Cambridge: Cambridge University Press), 288–313.
- WOODRUFF, Paul, 1988. “Aporetic Pyrrhonism”, *Oxford Studies in Ancient Philosophy* 6, 139–68.

## Abreviaturas

*Blank*: Sextus Empiricus, *Against the Grammarians*, translated with an introduction and commentary by David Blank (Oxford: Clarendon Press, 1998).

*Davidson Greaves*: Sextus Empiricus, *Against the Musicians*: a new critical text and translation on facing pages, with an introduction, annotations, and indices verborum and nominum et rerum by Denise Davidson Greaves (Lincoln, NE: University of Nebraska Press, 1986)

*DL*: Diogenes Laertius, *Vidas dos Filósofos Ilustres*.

*Kühn*: Galeni Opera Omnia, 20 vols. (Leipzig, 1819–33; reissued 1965, Hildesheim)

*LS*: A.A. Long and D.N. Sedley, *The Hellenistic Philosophers*, 2 vols. (Cambridge: Cambridge University Press, 1987)

*M*: Sextus Empiricus, *Adversus Mathematicos*

*NE*: Aristóteles, *Ética a Nicômaco*.

Pellegrin et al. Sextus Empiricus, *Contre les professeurs: introduction, glossaire et index* par Pierre Pellegrin, traduction par Catherine Dalimier, Daniel Delattre, Joëlle Delattre, et Brigitte Pérez, sous la direction de Pierre Pellegrin (Paris: Éditions du Seuil, 2002)

*PH*: Sextus Empiricus, *Outlines of Pyrrhonism*.